



Escola Francisco Alves Mourão: o corredor como "sala de aula".



Os alunos, pedindo socorro.

Uma escola em ruínas. E um protesto.

A lousa verde, no fundo do corredor escuro, improvisado como sala de aula, quase não dá para enxergar, em pleno meio-dia; o esgoto sai dos sanitários dos alunos e passa a céu aberto pelo pátio da escola; o muro dos fundos caiu e, na semana passada, um teto desabou. Por isso, os pais dos alunos da Escola Estadual de 1º Grau Professor Francisco Alves Mourão, no Jardim Apurá, em Santo Amaro, não deixaram seus filhos entrar em aula, ontem, quando fizeram um protesto em frente ao prédio, dirigindo-se, em seguida, para a Secretaria da Educação.

A assistente de direção da escola, Marguet Carvalho Matos, explica: "A escola está sendo ampliada, na semana passada os pedreiros tinham coberto duas salas de aula e o teto de uma delas desceu. O pessoal da empreiteira trabalhou sexta, sábado e domingo e levantou o teto, agora os pais dos alunos querem um parecer de um enge-

nheiro da Fundação do Desenvolvimento Escolar, para deixar seus filhos freqüentarem novamente a escola". Marguet fala das condições do prédio: "Esta sala aqui é a secretaria, diretoria, biblioteca e sala dos professores. Os professores não têm banheiro e chove em todas as salas de aula". Olívio Tavares de Moura, presidente da Sociedade Amigos do Jardim Apurá, diz que "é a segunda vez que a escola é reformada. No final de 87 para 88, foi feita uma reforma e o muro caiu. Agora, nós temos duas vigas quebradas e, a qualquer momento, pode ocorrer uma tragédia". Olívio conta que falou com um engenheiro da Fundação do Desenvolvimento Escolar, e que ele disse que "isso ocorre mesmo, que isso é normal em um país como o nosso". Olívio mostra-se revoltado: "Como que pode um engenheiro falar isso? São pessoas completamente despreparadas que eles colocam para tomar conta do nosso ensino".

A professora Izanete Queiroz Gulinello, que dá aula para o terceiro ano, diz que os professores são obrigados a sentar em carteiras, porque não têm mesa. E mostrando o esgoto que corre pelo pátio da escola, fala: "A gente não deixa as crianças tocarem aí, temos que ficar de olho, para elas não ficarem doentes. Aqui na escola não há iluminação suficiente e, nos dias de chuva, as crianças têm de correr para casa, porque não têm lugar para ficar".

Segundo Olívio Tavares, a escola foi construída precariamente, durante o governo Franco Montoro, em cima de um terreno minado. Por isso, agora, a Sociedade Amigos está pleiteando uma nova escola: "Aqui não adianta reformar mais. O terreno não oferece estabilidade. Além disso, nós precisamos de uma escola maior. Nós temos a mesma quantidade de alunos, em torno de 400, em idade escolar, esperando vagas", afirma Olívio.